



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

A PRODUÇÃO DE IMAGENS ESPACIAIS A PARTIR DOS LIVROS “O GUARDADOR DE ÁGUAS”, “CONCERTO A CÉU ABERTO PARA SOLO DE AVE”, “O LIVRO DAS IGNORÂÇAS” E “LIVRO SOBRE NADA”, DE MANOEL DE BARROS

Valdecir Duarte Júnior¹; Jones Dari Goettert²

UFGD-FCH, jonesdari@hotmail.com

¹Voluntário/Aluno UFGD/ ²Professor de Geografia

Resumo: Diante da importância crescente das imagens em suas múltiplas categorias como potência de expressão, a apropriação desta pela Geografia como objeto de análise para seus estudos, se mostra como alternativa frente ao projeto da Modernidade e da Pós-Modernidade, por parte de uma ordem do Estado e seus órgãos, com suas tentativas de uniformização da organização espacial e das relações com esse, bem como o não reconhecimento destes para com outras trajetórias. Desta feita, a múltipla e aberta perspectiva do conceito de rizoma de Deleuze e Guattari aponta para novas direções e nenhuma resposta. Pois, sucinta abordagens contínuas, que por sua vez mediante a um diálogo com Literatura de Manoel de Barros e sua poético-filosofia pode nos auxiliar a alcançarmos essa nova epistemologia cujas forças agem no processo de subjetivação que se revela em multiplicidade, como caminho outro à nossa racionalidade técnico-instrumental em crise. A compreensão da filosofia sob a ótica da Geofilosofia sugere proporcionar uma assimilação tangível às transformações sociais e o dinamismo do pensamento.

Palavras-chave: Imagem. Geofilosofia. Literatura. Manoel de Barros.

Introdução

A imagem, como fenômeno de linguagem é amplamente utilizada pelos meios de comunicação de massa desde o século XIX. Contudo, sua relevância tem crescido a partir do século XX e começo do século XXI. Desta forma, as imagens têm participado dos mais distintos universos culturais, educando-nos e estabelecendo-nos por sua vez, sujeitos individuais e coletivos. A partir dessa premissa, torna se mais do que relevante debruçarmos sobre a temática, por meio de reflexões profundas que lancem mão da dimensão cultural a fim de compreendermos as transformações pelas quais o pensamento contemporâneo vem passando (e deve salutarmente passar).

Cabe nos lembrar que João Amós Comênio – “pai da pedagogia moderna”, já no século XVII apontava a potência educativa das imagens para além do seu aspecto didático. Tal quais os efeitos desse processo tem se estendido para além dos bancos escolares e acadêmicos, possibilitando pluralidades quanto a seus usos por diversos grupos sociais. Nesse seara, a Geografia tem buscado não ficar de fora, a fim de criar outras maneiras de olhar o espaço e o mundo.

Na verdade, as imagens sempre foram muito relevantes para a Ciência Geográfica, vide as oriundas da cartografia. Nas ultimas décadas, contudo outras linguagens têm sido apropriadas pelos geógrafos nas mais diversas áreas, da pesquisa ao ensino. Tem se dado importância as experiências espaciais e cotidianas, desde as tradicionais visuais como o mapa, fotografias aéreas e imagens orbitais, como as menos comuns, a saber: desenhos, fotografias, pintura, cinema e televisão e ainda por extensão tem se buscado buscar um diálogo com outros espaços artísticos visando aflorar imagens espaciais como a música, teatro e a literatura.

Essa ultima inclusive (Literatura), será objeto de nossa análise como desafio e possibilidade da poética do espaço relacional da obra de Manoel de Barros, com toda sua gama de subjetividades, críticas e imagens que vem a superfície, uma vez tensionada, apontando para rupturas/clivagens frente a uma Geografia supostamente pronta e acabada. Isto é, pensar o espaço por meio de imagens dominantes, para a partir daí rasura-las, provoca-las, de maneira que desnaturalize o espaço para além de uma superfície plana ou

ainda uma superfície contínua, mas sim, uma simultaneidade de estórias-até-agora (MASSEY, 2008, p.29). Nas palavras de Paul Claval (2001, p. 43),

Esta é a maneira pela qual as pessoas recortam e vivem a Terra que está no centro da pesquisa, e não aquela que os geógrafos elaboram; isto implica que se leve em consideração o papel do corpo e dos sentidos na experiência humana, os recortes da realidade física e social pelas pessoas, a riqueza da imaginação que dá sentido às geografias as mais diversas – a experiência do espaço, e que explore a maneira pela qual se constituem as identidades e os territórios.

Perspectiva epistemológica como essa, do espaço para além de uma realidade objetiva é que a Geografia Cultural e a Geografia Humanística tem se interessado nas últimas décadas, ou seja, passaram a tomar as mais diversas imagens em suas relações multiescalares com o mundo e o lugar, com o intuito de permitir um enriquecimento ao olhar geográfico, assim como contribuir com sua linguagem científica com os diversos campos artísticos e vice-versa, não de maneira hierarquizar a relação, mas num diálogo que promete em muito ser profícuo para ambos, pautado na lógica da palavra e da imagem. Todavia, antes de fato entrar mais efusivamente na proposta, faz-se necessário apontar a objetividade do pensamento hegemônico vinculado ao projeto da modernidade e sua atual configuração.

O projeto da Modernidade e da Pós-Modernidade

Em linhas gerais, a história do desenvolvimento do projeto da modernidade é marcada fortemente pela naturalização da noção de delimitação territorial/espacial, na forma dos Estados-nações, vinculado a um projeto político burguês, mediante a legitimação do conceito de progresso. Na verdade, tal arranjo significou a ordenação e organização do espaço, recusando assim a reconhecer as multiplicidades, bem como as fraturas e seu dinamismo.

Em outras palavras, o que houve, foi o estabelecimento e/ou (a tentativa de) universalização de uma maneira de imaginar o espaço, assim como de uma maneira geral a relação sociedade/espaço, que resultou no constrangimento das demais formas de organização espacial e as relações diversas desta no e com o espaço. Esse constrangimento permanece ainda em voga, vide a permanente tensão sobre as terras indígenas e quilombolas, por exemplo.

Tal projeto além de dividir/separar o espaço como algo “exterior” e o lugar como “específico e familiar” - manobra essa que permitiu ocultar com sucesso a topografia do poder; ainda fomentou a noção de diferenciação, que resumidamente era o sistema de diferença espacial, concebida sobre termos temporais, ou seja, “Lugares” diferentes eram interpretados como estágios diferentes em um único desenvolvimento temporal (MASSEY, 2008 p. 107). Assim, a Europa era tida como parâmetro e naturalmente tida como “avançada”, enquanto outras partes do globo estavam “um pouco atrás”, e outras ainda simplesmente “atrasadas”.

Cabe salientar que as terminologias eufemisticamente mudam ao longo do tempo, “primeiro/segundo/terceiro mundo”, ou ainda a mais contemporânea: “desenvolvidos/em desenvolvimento/subdesenvolvidos”, mas não perdem seu sentido, que continua a professar a heterogenia espacial coexistente somente quanto uma série temporal de Estados-nações que se encontram em tempos distintos na fila histórica do progresso.

Neste ponto, percebemos o distanciamento entre objeto observado e observador, ou seja, a ação de se colocar em tempos diferentes a Europa e seu Outro, noção herdada da antropologia e seu objeto; não pensados como diferença, mas como distância no espaço e no tempo. Foi desta maneira que se deu o colonialismo, com seu sistema de comando político e sistema de poder/conhecimento, numa estratégia que só fazia aumentar o distanciamento com efeito de reduzir a realidade da diferença. Uma subjugação do espaço, bem como toda uma multiplicidade existente.

Negando o que Fabian denomina de “coetaneidade” (FABIAN, 2006, p.510), isto é, a contemporaneidade possível entre sociedades em diferentes estágios de desenvolvimento, pronta para o confronto dialético. Diz a respeito de uma postura de reconhecimento e respeito mútuo. Essa negação também pode ser chamada nas palavras de Boaventura de Souza Santos de “invisibilidade”,

Estas tensões entre a ciência, a filosofia e a teologia têm sido sempre altamente visíveis, mas como detendo, todas elas têm lugar deste lado da linha. A sua visibilidade assenta na invisibilidade de formas de conhecimento que não encaixam em nenhuma destas formas de conhecer. Refiro-me aos conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas do outro lado da linha. [...] Do outro lado da linha, não há conhecimento real; (SANTOS, 2009, p. 25).

Como visto esse tipo de abordagem, não reconhece o espaço (Outro) como dinâmico dentro de uma interação, nem muito menos como aberto e contínuo fazer-se, lócus da configuração de narrativas dissonantes e/ou concordantes, um lugar além de localização delimitada, sítio do encontro e desencontro, reino da possibilidade, das surpresas e acasos, enfim do novo, pois é isso que se trata a libertação do espaço de suas antigas e “claustrofóbicas” associações. Uma vez que superemos tais construções, talvez possamos nos voltar para um espaço real, muito mais complexo e desafiador, pois as respostas não estão dadas de antemão.

Entretanto, não devemos cair no discurso fácil da instantaneidade da Globalização, que propaga aos quatro ventos um mundo totalmente integrado, ledor engano. Numa segunda olhada podemos perceber que tais argumentos não passam de horizontalidade sem profundidade de conexões imediatas (MASSEY, 2008, p. 121). Tal formulação na verdade esta ligada a “pós-modernidade”, que por sua vez prega: “tudo alcançou a mesma hora no grande relógio do desenvolvimento da racionalização” (JAMENSON, 1991), negando a multiplicidade e os devires do/no espaço, quando traz consigo conceitos distorcidos como a não-historia e uma estória sem profundidade e de sincronia fechada, em nada alterando o *status quo*.

Certamente que os pressupostos tanto da Modernidade, quanto da Pós-modernidade, devem e precisam ser superados, a fim de que o geógrafo humano possa experimentar o desafio do espaço real. Precisamos de fato de uma nova imaginação! Não se trata de narrar cada uma das trajetórias, mas antes reconhecer tal fato. Talvez devêssemos mergulhar no espaço, de maneira que as múltiplas esferas da subjetividade subam a superfície se oferecendo para serem vistas em imagens espaciais relacionais.

Dando o impulso de trazer algo novo ao mundo. Talvez ao instante em que observador e observado se encontrem no mesmo espaçamento e dado temporal, pra quem sabe mudar também nosso campo perceptivo. E aqui fica a questão: Como dar tal mergulho? Talvez o poeta cubano, José Lezama Lima possa nos ajudar, quando diz, *la imagen es la realidad del mundo invisible* (LEZAMA LIMA, 1970, p. 57).

Fenômenos abarcados pela geofilosofia

Partindo do preceito que a capacidade criativa advinda tanto da Ciência, quanto da Filosofia e Arte, apontam naturalmente limites, devido ao alcance de seu campo de ação, isto é, seu contexto espacial e temporal no acontecer de dado pensamento (FERRAZ, 2013, p.129). Contudo tal limite que se territorializa no pensamento humano, na região intelectual, sensitiva e no plano de ação política, uma vez instigados procuram mediante ao processo criativo, estabelecer linhas de fuga,

[...] a geografia não se contenta em fornecer uma matéria e lugares variáveis para a forma histórica. Ela não é somente humana e física, mas mental, como a paisagem. Ela arranca a história do culto da necessidade, para fazer valer a irredutibilidade da contingência. Ela a arranca do culto das origens, para afirmar a potência de um ‘meio’ o que a filosofia encontra entre os gregos, dizia Nietzsche, não é uma origem, mas um meio, um ambiente, uma atmosfera ambiente: o filósofo deixa de ser cometa [...] Ela a arranca das estruturas, para traçar as linhas de fuga que passam pelo mundo grego, através do Mediterrâneo. Enfim, ela arranca a história de si mesma para descobrir os devires, que não são a história mesmo quando nela recaem [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 125).

Segundo os autores, essa variante só é possível devido à interpretação de uma dimensão subordinada à inconsciência da realidade territorial, ou seja, um processo de espacialização do pensamento, que remete ao neologismo proposto por Félix Guattari: a desterritorialização,

[...] construímos um conceito de que gosto muito, o de desterritorialização. [...] precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída o território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte (DELEUZE, em entrevista em vídeo).

Percebem-se neste ponto, tremendas transformações provocadas por planos involuntários e naturais, que conduz a destruição de um território (mentalidade), para construção de outra posição (reterritorialização), bem como o alcance e direção do pensamento a novos patamares, do antes não pensável. Desta forma, a reflexão de que, a princípio, território é aquele espaço de imobilidade e organização, é transpassada por uma ação de subversão, de fragmentação, para descobrir e suscitar novos saberes menos convencionados, assumindo uma percepção extraordinária que está disposta a atrair novas ideias além daquelas cristalizadas.

A ideia da filosofia dos autores, a partir do elemento supracitado é de tamanha força, que conduz também os mesmos a denominarem de “teoria das multiplicidades” a qual assumem que existe uma forma de tratar o pensamento sem hierarquizá-lo ou torná-lo como previsível, (hierarquia da árvore-raiz), dessa forma, passam a representar a forma do pensamento por um rizoma.

Deleuze e Guattari consideram que este modelo da “árvore-raiz” seguiria uma forma de pensamento arborescente, repetitiva. Seriam apenas vertentes de um pensamento, de um caule. Já o modelo de um rizoma partiria da condição de uma raiz. A raiz condicionaria as ideias e daí, a árvore, que enfim, arboresceria a sua própria sorte. O que pode ser de alguma forma, uma crítica negativa de visão ao mundo sensitivo em sua perspectiva mais superficial, colaborando para o surgimento de novas formas de enxergar devires, evitando as convenções sociais.

[...] qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. E muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. A árvore lingüística à maneira de Chomsky começa ainda num ponto S e procede por dicotomia. Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um

traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15).

Assim os autores propõem uma dada forma de pensamento atrelado à Geografia de maneira que não existem demarcações, fronteiras, enraizamentos e sim uma força do movimento, da mobilidade, do transitório, das conexões rizomáticas, misturadas e em rede. Esta nova interpretação do mundo contemporâneo, no que tange o fluxograma de encontros e desencontros, territorializações e desterritorializações, desenlaça uma volta do espaço na reflexão filosófica, que admite novas concepções, culminadas em novas fronteiras, necessárias para uma nova partida, um novo reinício, aquém e além de uma nova territorialização, não como se simplesmente pudéssemos nos opor a dimensão imóvel do espaço ao movimento e ao avanço do tempo e da história, mas considerando que aí existe uma demanda de reflexão sobre a realidade que precisa ser sanada a partir de nossa cultura.

Em todas suas expressões artísticas, a Cultura por ser o elemento social mais próximo e marcante de uma comunidade, pode ser apontada como um dos processos onde mais é possível demonstrar por onde uma desterritorialização pode ser engendrada. É possibilitado, portanto a partir da cultura, conduzir convenções e comportamentos. Assim, é por meio de uma de suas expressões - a Literatura, especificamente por meio da poética de Manoel de Barros que procuraremos abordar a seguir os agenciamentos apontados tanto pela filosofia de Deleuze e Guattari, quanto os pressupostos geográficos mais imaginativos do espaço aberto. Mas antes teceremos algumas considerações acerca de um promissor diálogo.

O diálogo entre a Geografia e Literatura

Na perspectiva de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992) a obra de arte trata-se de um ente pleno de sensações, ela por excelência estabelece composições que instigam nossa imaginação e pensamento, mediante sua estética, assim como afectos e percepts, nos

orientando e localizando no mundo. Neste sentido, a obra de arte é um fenômeno, capaz de provocar em nós sensações diversas entre tantas subjetividades e potencialidades virtuais, de pensamentos às ações, os infinitos modos de viver.

No tocante a Literatura, podemos dizer se trata de uma expressão múltipla, criativa e imaginativa, uma vez que pode contemplar a sociedade nas mais diversas expressões humanas e sua relação com o espacial, nas mais distintas temporalidades e tempos históricos, de maneira que a Geografia pode e deve fazer uso de tais narrativas e sensibilidades, a fim de que forneçam análises variadas, podendo assim constituir sustança e temperos ao caldo científico. Desse modo, a Literatura é condição na qual o próprio espaço se faz desde metáforas e metonímias a descrições de lugares, que podem expressar novas formas, representações, imaginações e imaginários do mundo.

E o que podemos esperar desse diálogo? A Geografia por um lado, ancorada sobre um conjunto de pressupostos teórico-metodológicos científicos, e a Literatura por outro, como escritura de um conjunto de imagens, simbologias, imaginações, imaginários e representações sobre o mundo, podem se “retroalimentar” em um movimento de maneira a possibilitar a criação de novos olhares geográficos das relações que são, fundamentalmente, relações vividas espacialmente.

Segundo Marc Brosseau (2007) para tal é necessário ultrapassar o viés instrumental que tem prevalecido na relação entre Geografia e Literatura. É preciso para ele, que a Geografia pense a Literatura como outro espaço da relação identidade/alteridade, o que requer, sobretudo, a atenção sobre linguagem e escritura. Em diálogo com Olsson, o autor aponta que:

[é importante] situa o encontro da geografia com a literatura no plano da linguagem e da escritura. Olsson é um dos primeiros geógrafos a assumir a delicada missão de desestabilizar as certezas do discurso da geografia humana. [...] Ele insiste principalmente na impossibilidade de traduzir a ambiguidade e a fluidez da literatura na linguagem da ciência, que tende sempre a se imobilizar na certeza da univocidade. [...] seu objetivo era forjar uma nova linguagem para a geografia, que não seria mais alérgica às contradições, às tensões e à “equivocidade” (BROSSEAU, 2007, p. 62-63).

Dessa forma, a questão, portanto, não é “ver” na Literatura aquilo que tem de Geografia, mas em compreendê-la como uma escritura de alteridade com a qual é possível dialogar, tanto para a produção de novas imagens espaciais como para a construção de uma nova linguagem para a Geografia: “O diálogo como a literatura pode, portanto, inscrever-se também em um trabalho de reflexão sobre nosso próprio modo de escrever a geografia”, aponta também Marc Brosseau (2007, p. 66).

Especificamente, quanto ao objeto de estudo da Geografia – o Espaço – nos debruçamos sobre imagem “dominante”, que segundo Lucrecia D’A. Ferrara (apud FERRAZ, 2011), “A dominante é, como todos os demais elementos do texto, um índice, porém é aquele que ‘governa, determina e transforma’ os demais [...] A eleição de uma dominante desperta a atenção para o ambiente espacial, para o texto que nos envolve, porém é estratégica”.

Cláudio Benito Ferraz, em diálogo com a autora e em construção da possibilidade de se pensar a “dominante” como percurso metodológico na relação entre Geografia e Literatura, discorre:

A dominante é a imagem produzida a partir da forma com que o leitor se posiciona para ler o texto literário, sendo essa forma decorrente dos aspectos que o incitam a elaborar tal perscrutação, ou seja, aquilo que no contexto do mundo vivido o leva a interrogar o mundo presente no texto lido. [...] Essa dominante, portanto, é uma imagem que não necessariamente está explicitada em palavras no texto, mas surge a partir do contexto espacial do texto, enquanto narrativa, no contexto espacial em que o leitor está inserido/criando, ou seja, ela se manifesta a partir das entrelinhas, dos escuros do texto, do que não está claramente manifestado ali, mas se encontra nas sombras, no inconsciente do coletivo que envolve o leitor a partir dos buracos e esquecimentos deixados pelo autor/narrador (FERRAZ, 2011).

Para tanto, é fundamental em nossa análise a busca por uma compressão despida de paradigmas concretos da ordem: verdade/mentira, realidade/devaneio, mas antes, dentro de

seu contexto de produção e múltiplas significações, como as coisas ínfimas que, uma vez despertadas, revelam seu universo simbólico.

Para tanto a obra de Gaston Bachelard “A poética do espaço”, se mostra como um texto revelador do espaço onírico bachelardiano, onde este se assume como um fenomenólogo e aprofunda a discussão sobre a gênese da imagem. Propondo sua fenomenologia como arrebatamento, excitação e deslumbramento. Sua metodologia utiliza a via da emoção e do maravilhamento, que por sua vez exige o envolvimento íntimo do leitor com a dinâmica despertada pela imagem: assim “já não nos parece um paradoxo dizer que o sujeito falante está por inteiro numa imagem poética, pois se ele não se entregar a ela sem reservas não entrará no espaço poético da imagem” (BACHELARD, 1993, p. 12).

Nesse sentido, a fenomenologia pode despertar a consciência poética a partir das múltiplas imagens que nos livros repousam. Ressoando numa forma de experiências imediatas à atividade imaginante do leitor por meio de agenciamentos ilimitados. Assim podem existir tantas interpretações e leituras, quantos leitores. Gaston Bachelard formula, assim, seu pensamento:

[...] uma pesquisa fenomenológica sobre a poesia deve ultrapassar, por imposição de métodos, as ressonâncias sentimentais com que, menos ou mais ricamente – quer essa riqueza esteja em nós, quer no poema –, recebemos a obra de arte. É nesse ponto que deve ser sensibilizada a alotropia fenomenológica das ressonâncias e da repercussão. As ressonâncias dispersam-se nos diferentes planos da nossa vida no mundo; a repercussão convida-nos a um aprofundamento da nossa própria existência. Na ressonância ouvimos o poema; na repercussão o falamos, ele é nosso. A repercussão opera uma inversão do ser. Parece que o poeta é o nosso ser. A multiplicidade das ressonâncias sai então da unidade de ser da repercussão.

Tal afirmativa vai de encontro das proposições de Alain de Botton, em sua obra “Como Proust Pode Mudar Sua Vida”, onde expressa; “Na verdade, todo leitor é, quando esta lendo, um leitor de si mesmo. O trabalho do escritor é meramente uma espécie de

instrumento óptico, que ele oferece ao leitor para capacitá-lo a discernir aquilo que, sem o seu livro, ele jamais experimentaria sozinho.”. (BOTTON, 1999, p. 29).

Nesse ponto, devemos acentuar uma distinção a fim de que avancemos em nossa discussão entre “literatura menor” e “literatura maior”. A primeira diz respeito àquela que atinge e provoca a segunda, que por sua vez se trata da linguagem/discurso científico e que a priori “tem” maior peso, ou em outras palavras “pensa” deter o monopólio da verdade. Contudo, a literatura menor conforme afirmam Deleuze e Guattari, desconfiando dessa premissa, subverte normas, cria e recria valores e ideias, despertando outros sentidos para uma dada ordem espacial vinculada por uma determinada sociedade, de língua maior, hegemônica e oficial. Partindo desse confronto, a literatura menor estabelece uma desterritorialização, frente aos aspectos e acontecimentos políticos. Desta feita, a literatura menor só se realiza enquanto expressão coletiva de resistência diante das forças dominantes, exprimindo assim outra comunidade potencial, com suas respectivas expressões, valores, símbolos e sentimentos. (FERRAZ, 2005, p. 113).

Manoel de Barros, prazer em conhecê-lo...

Manoel de Barros - o “Maneco” nasceu em 1916 sendo natural de Cuiabá, MT, é há tempos um dos mais populares e celebrados escritores da literatura brasileira, com uma vasta composição poética que se volta para o próprio fazer, buscando uma nova consciência da criação e da linguagem. Escreveu mais de trinta livros. Tendo iniciado sua carreira nos anos 1960. É comparado pela crítica, em termos de criação a James Joyce, a Jorge Luis Borges e a Guimarães Rosa. Tímido e de temperamento recolhido é avesso aos holofotes. Apesar dos 97 anos mantém o sorriso que lhe é peculiar, além de mais ativo do que nunca. Sua poesia ultrapassa qualquer tipo de reducionismo e pode ser pensada como uma obra universal, que nos oferece, por exemplo, um momento interessante de como sua linguagem (ética e estética) é possibilitadora de outra narrativa do mundo, em contraponto àquela construída como balizadora da Modernidade pela literatura maior. “Os limites me transpõem!” (BARROS, 2010, p. 76).

Compreendemos a possibilidade e a necessidade teórico-poética – de aprofundamento da leitura e análise da obra do poeta, ou seja, a partir da percepção de que a poesia de Manoel de Barros ultrapassa uma dimensão “apenas” poético-literária, apresentando-se também como certa “poética-filosofia”, em que concepções criativas, críticas e inovadoras de tempo e espaço são construídas, aprofundando a compreensão de imagens espaciais transgressoras na poética-filosofia. Este é o nosso desafio, estabelecer diálogos que ultrapassem a “cientificidade” da literatura maior em empreitadas na relação com outras narrativas “Quem acumula muita informação perde o condão de adivinhar: divinare” (BARROS, 2010, p. 341) assim a poesia de Manoel de Barros se apresenta de grande estímulo. Feitas as devidas apresentações, voltemo-nos para alguns elementos característicos da obra do poeta que se apresentam como poderosas imagens espaciais.

“Pertença de fazer imagens.

Opero por semelhanças.

Retiro semelhanças de pessoas

de pessoas com rãs

de pessoas com pedras

etc etc. (BARROS, 2010, p 340)

Fazendo do solo do pantanal seu quintal “deslimitado”, do impossível possibilidade, propiciada por inventividades infantis e seu fundo onírico subsidia uma dinâmica do contato dos seres e das coisas, onde o uno se comunica com o múltiplo, por meio de fluxos e devires constantes devido às permutas, que nos permitem pensar a possibilidade de outro espaço, um contra-espaço ou ainda como apontamos um que pode ser lido dentro de uma multiplicidade de elementos que circulam a contemporaneidade e ultrapassam fronteiras previamente delimitadas. Um espaço que num primeiro momento é de abandono e vazio, porém esse “desespaço” (como gostaria o poeta) se realiza num ritual antropófago, entre a prisão e a transgressão, a submissão e a rebeldia, fazendo do mundo uma formação de entre-lugares “Esses “entre-lugares” fornecem o campo para a

elaboração de estratégias de subjetivação que dão início a novos signos de identidades e a postos inovadores de colaboração e contestação no ato de definir a própria idéia de sociedade.”. (HANCIAU, 2005, p 138). “Do lugar onde estou já fui embora.” (BARROS, 2010, p. 348).

Manoel de Barros inventa não apenas a “desordem”, o “caos”, o “feio”, o “desarmônico”, o “desagradável” ou o “não-gratificante” frente à lógica Moderna: sua poesia-filosofia inventa a realidade. O espaço, por isso, se considerado como uma produção moderno-contemporânea, a la escultura de Michelangelo, é obliterado, e sua dimensão em Manoel de Barros só pode ser a de um “desespaço” (em aproximação a Um “desespaço da dor”..., Jones Dari Goettert, 2011b). É por isso que o “desespaço” na poesia-filosofia de Manoel de Barros não pode se fechar, porque, feito de pedaços, sempre e ainda outro pedaço, esvaziado de sua condição de coisa útil moderna, podendo assim querer grudar para espantar a solidão de sua inutilidade. Afinal de contas, em um mundo no qual tudo se quer perfeito, inteiro, toda “imperfeição” é pedaço jogado fora “Para ter mais certezas tenho que me saber de imperfeições.” (BARROS, 2010, p. 346). Em outro lugar, longe da Civilização, os pedaços-coisas ajuntados e trazidos pelo velhinho andarilho viram “desespaço”, uma unidade nos pedaços. E ali, onde o espaço dos restos se faz e se quer inteiro, “O que é feito de pedaços [também] precisa ser amado!” (BARROS, 2010, p. 152) e assim, mergulhado às coisas do chão, num aprendizado telúrico, sua poesia possibilita novas imaginações sobre as relações Sociedade/Natureza, com dimensões inusitadas de tempo e espaço contra hegemônicas. Um movimento rizomático (DELEUZE; GUATTARI, 1995) no qual pedaços “coisais”, vegetais, animais, minerais e humanos se encontram/desencontram em “restos”, “ciscos” e “desperdícios”.

O poeta “cisca” pelo chão a procura de matéria para sua poesia, elevando a categoria de destaque os “inutensílios”, trastes, trapos e restolhos em geral que encontra, conferindo colagens de pessoas, animais, plantas, vegetais, minerais e objetos, num efeito quase surreal, ou melhor - Dadaísta (1916 a 1922), pois ao contrário do que muitos imaginam ter sido um movimento niilista, tinha como objetivo, na verdade, deixar claro ao público que todos os valores estabelecidos, morais e estéticos, haviam perdido seu significado devido aos horrores da Primeira Guerra Mundial. Seu maior expoente Marcel Duchamp deslocava objetos de sua função utilitária para subverter a ordem, conferindo a esses novos significados e funções, como o célebre “O Urinol” ou ainda “A Noiva”, cuja

semelhança com a forma humana procuramos em vão, não tendo por fim nenhuma função “Prefiro as máquinas que servem para não funcionar: [...] elas podem um dia milagrar flores.” (BARROS, 2010, p. 342). Remetem-nos diretamente aos “inutensílios” criados pelo poeta que repõe o mundo em suas inclusões e exclusões, em coisas novas e em sucatas, como por exemplo, o “esticador de horizontes”, o “parafuso de veludo”, a “fivela de prender silêncio” ou ainda com sua “máquina de chilrear”, título emprestado do quadro de Paul Klee, (Máquina de Gorjear) transforma o que é resíduo da sociedade capitalista em poesia. “As coisas que não levam a nada tem grande importância. Cada coisa ordinária é um elemento de estima. Cada coisa sem préstimo tem seu lugar”. (BARROS, 2010, p. 145)

Trata-se de uma engenhosa sobreposição de valores e significados, uma colagem que se aproxima do cubismo de Picasso ou de Georges Braque (notadamente do Cubismo de colagem) marcado por trocadilhos–visuais, “O bule de Braque sem boca são bons para poesia” (BARROS, 2010, p. 145). As coisas e seres se separados possuem um conceito lógico, juntos redefinem significações para além do óbvio e do utilitarista, que se podia ser visto num fluxo infinito de transformações, oferecendo possibilidades totalmente inesperadas de expressão. Desenvolvendo parâmetros relativos, em concordância com as subjetividades próprias de cada um e sua vivência, ou seja, o leitor diante da narrativa.

Outra temática recorrente e imagem marcante nas obras de Manoel de Barros são a dos “des-heroes” ou “desimportantes” (loucos, vagabundos, andarilhos e desprestigiados) como apresentado em “Matéria de poesia” onde vemos: "Pessoas desimportantes dão para poesia", "como um homem jogado fora" (BARROS, 2010, p.147) que contrários à ordem hegemônica utilitarista praticam o mutualismo e o mimetismo com a natureza, numa transgressão que faz do espaço do abandono e decadência um espaço acolhedor e generoso, vivificando-o “terrenos sitiados pelo abandono, apropriado à indignação”. Entre esses seres desimportantes destaca-se Bernardo da Mata, um ser arborescente, dono de “nadifúndios”, praticante de um dialeto coisal-lavral-pedral. Este, por sua vez, em seu pensar/falar/agir desobjetiva a objetividade. E quando na condição de errante “Vagou transpedregoso anos. Se soube que atravessou Paris de urina presa.” (BARROS, 2010, p. 241) nesta passagem nos deparamos com Baudelaire, ao que Lechte aponta:

A trajetória do *flâneur* não leva a lugar algum e provém de lugar nenhum. É uma trajetória sem coordenadas espaciais fixas; resumindo, não há nenhum ponto de referência a partir do qual fazer previsões sobre o futuro do *flâneur*. Pois o *flâneur* é uma entidade sem passado ou futuro, sem identidade: uma entidade de contingência e indeterminação (p. 103).

Neste sentido, a narrativa se desenvolve de forma a nos aproximar do andarilho/errante, em sua desventura de entre-lugares, por entre encontros e desencontros, num processo que não busca nem achados ou conclusões. Uma profusão de possibilidades que se manifestam em geografias que se produzem e reproduzem ou ainda (des)produzem imagens deslocadas no ato de flâneur. “São viventes de ermo. Sujeitos que magnificam moscas.” (BARROS, 2010, 242). Em concordância com sua identidade territorial aberta e contínua. Promovendo assim, possibilidades de experiências de geografias afetivas, imaginativas e inusitadas. Uma terceira margem, um caminho do meio, que consiste nestes deslocamentos, entre o chamado pelo enraizamento e o desejo de errância, (HANCIAU, 2005, p.129) como uma espécie de Ulisses ao contrário. “Sou formado em desencontros.” (BARROS, 2010, p. 339).

Cabe também salientarmos dois elementos muito presentes na antologia poética de Barros – a Água e a pedra. Água por sua vez, é sinônimo na obra do poeta, de ora sonho, ora imaginação, ora devaneios, que remete a infância e a vida pulsante, que flui, destrói, fertiliza, renova e vivifica. Já a pedra é símbolo de solidão, mas também de sabedoria, de prostração, dureza e imobilidade e também do silêncio. Esses dois elementos ajudam na compreensão do íntimo, do real e se manifestam na condição de materialidade do mundo, enquanto imagens e imaginações.

Outro ponto de ruptura do poeta com o instituído e o geometrismo surge quando o mesmo manifesta por meio de sua linguagem a negação da dicotomia homem/natureza, ao qual utiliza de ambiguidades e suas significações, metamorfoses e fluidez, a convivência do cósmico, o onírico e o poético de maneira harmoniosa, a partir do encontro do interior com o exterior, do aí e do aqui, do que está aberto e daquilo que aparentemente está fechado, afinal o próprio homem se trata de um ser entreaberto. (BACHELARD, 1993). A base para tal se faz mediante a perspectiva dos múltiplos devires e das linhas de fuga da

perspectiva rizomáticas. “Um dia chegou em casa árvore. Boca não abriu mais? Arbora em paredes podres.” (BARROS, 2010, p. 241). Desse encontro/desencontro rompe com a obviedade e a necessidade, adentrando o reino surreal da possibilidade e das surpresas. Do caos e do acaso. (MASSEY, 2005, p. 167 e 172).

Desta feita, a poética-filosofia de Manoel de Barros é, antes de tudo, “deslimitadora”, conforme tem apontado Renato Suttana (2009). O autor “sintetiza” a obra de Manoel de Barros a partir das seguintes características: a *opacidade* de todos os seres (“uma potência de trocas” – opacidade de sentidos), na qual na liberdade todos apresentam algo de inacessível ou oculto à razão ordenadora; a *gratuidade* e a *intransitividade*, isto é, um mundo em formação, mas sempre retornando a si mesmo; a *promiscuidade* e a *fecundidade*: a experiência do ser promíscuo e do ser fecundo (ambos, opacos); nada é previamente ordenado e classificado: tudo é invertido; e, ainda, uma *poética da colagem*, invenção em conexões novas: “construir o todo como um objeto feito de pedaços”, em que também “O homem [...] se constrói por meio de uma sucessão de fragmentos díspares encarna a própria ideia de transformação...” (SUTTANA, 2009). Assim a narrativa do poeta, entre outras coisas;

[...] passa pela retomada dos signos, tipos e paisagens, criando um repertório, uma visualidade própria e inconfundível, porém não reduzida ao típico, ao exótico, ao estereótipo enquanto imagem que não se questiona. Uma visualidade crítica emerge de suas obras, dando conta dos contrastes e conflitos de seu espaço e agindo seletivamente em relação às contaminações. [...] Um modo antropofágico de apropriar-se e de ultrapassar o caráter multifacetado de nossa cultura. (MENEGAZZO, 2004)

A própria forma de escrever de Manoel de Barros se configura como uma subversão a linguagem tradicional, bem como a literatura maior, como vemos em “O livro sobre nada”. Esse labor que busca uma linguagem original, “Não gosto de palavra acostuada.” (BARROS, 2010, p. 348) passa pela criação de neologismo, típico das crianças que em suas falas plenas de gozos reinventam a língua. A ruptura se dá por meio de frases insólitas, metáforas complexas e inusitadas, a qual denomina de

“agramaticidade”, libertadora das palavras para sentidos diversos, extravasando o sentido do imaginável, do dizível, fundando uma nova expressão, como criança que pratica o “delírio do verbo”, “A terapia literária consiste em desarrumar a linguagem a ponto que ela expresse os nossos mais fundos desejos.” (BARROS, 2010, p. 347).

Tudo no poeta gira em torno da reflexão da palavra e a força imagética fornecida por ela, libertando para potencialidades outras, a fim de “tranver” – “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transfazer o mundo” (BARROS, 2010, p. 350) de maneira a produzir no leitor choque, surpresa e até o estranhamento, suscitando instigamentos na maneira de pensar e conseqüentemente linhas de fuga, desterritorizações e reterritorizações. Essa peculiaridade produzida em Barros nos concede um princípio que muito pode ser utilizado pela epistemologia Geografia no exercício de grafar o espaço e escrever seus elementos. A questão central aqui é aliar a linguagem científica rasurada pela linguagem poético-artística rumo a uma direção de devires minoritário de sentidos outros, de uma Geografia menor e mais abrangente que por sua vez expresse o espaço real. Articulando o sentido do pensamento geográfico com a vida e não com a lógica discursiva, próprio de discursos institucionais, com o atendimento as necessidades padronizadoras de controle territorial por parte do Estado e seus órgãos. “A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá mas não pode medir seus encantos.” (BARROS, 2010, p. 340). Daí a necessidade de construir referenciais conceituais outros. “Tudo que não invento é falso” (BARROS, 2010, p. 345).

Considerações Finais (até-agora)

Após essa sucinta abordagem da perspectiva rizomática de Deleuze e Guattari junto a Literatura de Manoel de Barros e sua poético-filosofia, aqui chegamos. Talvez com mais perguntas que no início. (Que bom!). Quisera sempre seja assim, pois a nova epistemologia que buscamos em sua essência não deseja – A resposta, antes busca descobrir as forças que agem no processo dinâmico de investigação das subjetividades que se revelam em

multiplicidades, como alternativa à racionalidade hegemônica da literatura maior, há muito em crise.

Sobre essa ótica, faz-se necessário perdemo-nos a fim de que por meio desse movimento produza encontros e respectivos desencontros, contando com o acaso, a surpresa, o inusitado. Sob o signo de novas experimentações, um lugar que leve a outro, num fim que seja sempre precedido por um novo começo, perder as referências e não esperar nenhuma conclusão, de um sempre aberto e continuo espaço, pois assim é a vida.

Desterritorializar, o pensamento para depois tornar a reterritorializa-lo, num mundo de ocasiões e reencontros singulares e imprevisíveis. Mergulhar para fora, através da exterioridade dos espaços e dos lugares. Numa lógica transversa, aberta à complexidade das transformações cada vez mais necessárias para ler as novas cartografias amotinantes, bem como as demais trajetórias negadas pelo projeto da modernidade e seus agentes.

Afinal a Geografia não se restringe apenas no binômio - física ou humana, antes de qualquer coisa ela é mental. Assim a Geofilosofia se apresenta, sobretudo, como a possibilidade da desterritorialização de objetos de estudo (humanos e não humanos), em diálogos interdisciplinares com outros campos criativos e imaginativos. Tal como a Literatura. Tendo sempre em vista as fronteiras e os limites que continuamente se transfazem tanto quanto o fluxo ininterrupto do pensar. Pensar...

Referências Bibliográficas

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2000.

BROSSEAU, Marc. **Geografia e Literatura**. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). *Literatura, música e espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, pp. 17-77.

BOTTON, A. de. **Como Proust pode mudar sua vida**. Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1999.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **Mil Platôs.** Rio de Janeiro: Editora. 34, 1995.

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. **Literatura e Espaço: aproximações possíveis entre Arte e Geografia.** In: GOETTERT, Jones Dari & MARSCHNER, Walter Roberto (Orgs.). *Transfazer o espaço: ensaios de como a literatura vira espaço e vice versa.* Dourados: EdUFGD, 2011.

_____. **O capital no cinema: as diferenças entre linguagens e as possibilidades geográficas.** In: OLIVEIRA JR. Wenceslao & CAZETTA Vaçéria (Org.). *Grafias do Espaço: imagens da educação geográfica contemporânea:* Editora Alénea, 2013.

GEORDEN, Paul Claval. **Evolution de la Geografia Humana.** In: MASSEY, Doreen B. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008.

GOETTERT, Jones Dari. **“Transfazer o espaço”:** uma leitura de **“Livro de pré-coisas”, de Manoel de Barros.** In: GOETTERT, Jones Dari & MARSCHNER, Walter Roberto (Orgs.). *Transfazer o espaço: ensaios de como a literatura vira espaço e vice versa.* Dourados: EdUFGD, 2011

_____. Jones Dari. **Um “desespaço” da dor em “Gramática expositiva do chão”** de Manoel de Barros. Anais XIX Ensul. Corumbá – Ms , 2011b.

HANCIAU, Nubia: **Entre-lugar.** In: FIGUEIREDO, Eurenice (Org.). *Conceitos de Literatura e Cultura.* Juiz de Fora. UFJF, 2005.

JAMESON, Fredric. *Postmodernism or, The Cultural Logic of Late Capitalism,* London. In: MASSEY, Doreen B. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade.* Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008.

LAMAMA LIMA, J. **Órbita de Lezama Lima:** Entrevista com Armando Álvarez Bravo. Recopilación de textos. In: OLIVEIRA JR. Wenceslao & CAZETTA Vaçéria (Org.). *Grafias do Espaço: imagens da educação geográfica contemporânea:* Editora Alénea, 2013.

MASSEY, Doreen B. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade.* Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2008.

MENEGAZZO, Maria Adélia. **Representações artísticas e limites espaciais: o regionalismo revisitado.** In: RUSSEF, Ivan; MARINHO, Marcelo & SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco (Org.) *Ensaio Farpados: arte e cultura no pantanal e no cerrado.* Campo Grande: Letra Livre/ UCDB, 2004.

SUTTANA, Renato. **Uma poética do deslimite: poema e imagem na obra de Manoel de Barros.** Dourados: EdUFGD, 2009.